

NOSSAS SEDES, NOSSAS ÁGUAS

Tea Frigerio mnx
t_frigerio@hotmail.com

*RESUMO: O escrito a partir de uma experiência de assessoria entre povos originários se interroga a respeito da relevância do carisma missionário ad gentes. Ao refletir sobre a narração do encontro da Samaritana com Jesus em João 4,1-42 principia uma resposta: povos, culturas, religiões **são nascentes** que oferecem águas, ao misturar-se recriam a vida, lugar do encontro do humano com o divino. Percorrer este caminho exige desentulhar os próprios poços para que voltem a ser nascentes.*

ABSTRACT: The writing from an experience of counseling among indigenous peoples questions itself about the relevance of the missionary charism ad gentes. In reflecting on the account of the Samaritan woman's encounter with Jesus in John 4:1-42, a response begins: peoples, cultures, religions are springs that offer waters, by mixing they recreate life, the place of the encounter of the human with the divine. Walking this path requires uncluttering the wells themselves so that they become springs again.

ENTRANDO NA CONVERSA

De 14 a 21 de janeiro de 2023 estive em São Gabriel de Cachoeira, no Rio Negro, no coração da Amazônia, diocese mais extensa do Brasil: tem 294.000 quilômetros quadrados. É também a mais indígena, pois 90% da população é constituída por Povos Indígenas de vinte e três etnias e ainda são faladas dezoito línguas originárias. Fui convidada a assessorar na Escola de Formação Teológica para leigos e leigas, acontece na segunda quinzena de janeiro e julho reunindo aproximadamente 90 representantes das 11 paróquias. Cada etapa aborda dois temas diferentes. O convite que havia recebido dizia: venha em São Gabriel da Cachoeira assessorar a 4ª Etapa da Escola de Formação de Lideranças, com o Tema a Mulher na Bíblia. Na hora senti desafio e receio em ter que confrontar meu pensar com o pensar das culturas indígenas sobre a mulher. Desafio e receio, mas aceitei e fui.

O receio e até medo quase me paralisaram quando me vi frente ao auditório formado em sua maioria por homens indígenas e uma pequena minoria de mulheres. Mas tinha me jogado na água, então tinha que nadar ou ia me afogar. E, ao longo da semana fui nadando, nas apresentações, na escuta, no aprimorar a linguagem, nas trocas de ideias, nas conversas, na inculturação daquilo que eu apresentava, no mundo e na cultura deles, na convivência e nas comidas, vivenciei o que sempre experimento nos cursos e encontros junto ao povo: enriquecimento recíproco. Minto o que vivenciei foi bem maior, foi espanto e maravilha, foi encontro de saberes, foi encontro de culturas, foi Ao apresentar as temáticas, as narrações bíblicas cresciam o espanto e a maravilha, os participantes do curso em sua sabedoria quase com naturalidade reconheciam o pensar, o agir que havia nas suas culturas, até em alguns de seus mitos, nas relações quer na vida, quer na igreja. Os homens questionando seu patriarcalismo. As mulheres fortalecendo sua dignidade. Crescendo juntos, juntas na utopia de uma Igreja inclusiva e sinodal.

No final da semana, como de costume houve uma noite de confraternização. Os grupos étnicos apresentaram suas danças, ofereceram colares. Tomei a palavra e expressei um pensamento que me habita: sou o que sou hoje graças à Amazônia, ao povo amazônico, sobretudo as mulheres amazônicas. Nestes dias vocês contribuíram na construção do que eu sou.

E, durante a semana foi confirmando o que ia partilhar no meu escrito para o caderno CEMLA de 2023, uma narração que as Comunidades dos e das Discípulas amadas nos deixaram em herança: um encontro ao poço que se tornou nascente de onde jorra água viva até hoje.

NARRAÇÃO DAS COMUNIDADES DOS DISCÍPULOS E DISCÍPULAS AMADAS: JOÃO 4,1-42

Início a conversa recordando que o texto bíblico é um tecido. Texto tecido, vidas trançadas num texto. Texto, tecido é uma

imagem que uso frequentemente ao refletir sobre um texto bíblico, ajuda a perceber as mãos e os fios escolhido que o teceram, ajuda a sentir os cheiros da vida que dele se desprende, percorrer o caminho das cores e perseguir o perfume da vida que desprende, desencontros, encontros. O tecido urdido tem um padrão e, enquanto contemplo a memória do encontro da Samaritana¹ com Jesus percebo quanto esta narração foi tecida com cura e amor.

Convido a contemplar comigo: João 4,1-42

¹Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João — ²ainda que, de fato, Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos — ³deixou a Judéia e retornou à Galileia. ⁴Era preciso passar pela Samaria. ⁵Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. ⁶Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. ⁷Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!” ⁸Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. ⁹Diz-lhe, então, a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos) ¹⁰Jesus lhe respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” ¹¹Ela lhe disse: “Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva? ¹²És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?” ¹³Jesus lhe respondeu: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; ¹⁴mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna”. ¹⁵Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!” ¹⁶Jesus disse: “Vai, chama teu marido e volta aqui”. ¹⁷A mulher lhe respondeu: “Não tenho marido”. Jesus lhe disse: “Falaste bem:

¹ Me incomoda sempre o anonimato das mulheres na bíblia. Num dos encontros de Hermenêutica de leitura da bíblia feminista e libertadora, cuja centro era João 4,1-42 decidimos dar um nome a Samaritana. E no consenso final decidimos que a Samaritana devia se chamar: Anunciação, pois ela anunciou ao seu povo Jesus, o Salvador do mundo. Anunciação a Matriarca do povo Samaritano.

‘não tenho marido’,¹⁸ pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade”.¹⁹ Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és um profeta.”²⁰ Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar”.²¹ Jesus lhe disse: “Crê, mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai.”²² Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus.”²³ Mas vem a hora — e é agora — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura.”²⁴ Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade”.²⁵ A mulher lhe disse: “Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo”.²⁶ Disse-lhe Jesus: “Sou eu, que falo contigo”.²⁷ Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: “Que procuras?” ou: “O que falas com ela?”²⁸ A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos:²⁹ “Vinde ver um homem que me disse quem eu sou. Não seria ele o Cristo?”³⁰ Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. Enquanto isso, os discípulos rogavam-lhe: “Rabi, come!”³¹ Ele, porém, lhes disse: “Tenho para comer um alimento que não conheceis”.³² Os discípulos se perguntavam uns aos outros: “Por acaso alguém lhe teria trazido algo para comer?”³³ Jesus lhes disse: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra.”³⁴ Não dizeis vós: ‘Ainda quatro meses e chegará a colheita’? Pois bem, eu vos digo: Erguei vossos olhos e vede os campos: estão brancos para a colheita.”³⁵ Já o ceifeiro recebe seu salário e recolhe fruto para a vida eterna, para que o semeador se alegre juntamente com o ceifeiro.”³⁶ Aqui, pois, se verifica o provérbio: ‘um é o que semeia, outro o que ceifa’.”³⁷ Eu vos enviei a ceifar onde não trabalhastes; outros trabalharam e vós entrastes no trabalho deles”.³⁸ Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: “Ele me disse quem eu sou!”³⁹ Por isso, os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias.”⁴⁰ Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele⁴¹ e diziam à mulher: “Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo”.

ESTRUTURA

- vv. 1-3 texto de passagem
- vv. 4-6 contextualização – *tinha que passar pela Samaria*
- vv. 7-15 poço – sede – água – *como é que tu, **judeu**, pedes de beber a mim, que sou samaritana*
- vv. 16-18 maridos – *não tenho marido*
- vv. 19-24 onde adorar a Deus – *em espírito e verdade **profeta***
- vv. 25-26 Messias que há de vir – *Sou eu que falo contigo **Messias – Sou eu***
- vv. 28-30 deixou o cântaro – *vinde e vede um **homem** que me disse quem sou **Cristo***
- vv. 8.27.31-33 discípulos – *Mestre, come... uma comida que vos não conheceis*
- vv. 34-38 parábola da colheita – *envie a ceifar... onde outros trabalharam* (inclusão posterior)
- vv. 39-42 samaritanos - *permanece conosco **Salvador do mundo***

Retomamos a narração e perceber os fios coloridos que o tecem:

- *tinha que passar pela Samaria*, na realidade não precisava passar pela Samaria, os judeus preferiam dar uma volta, encurtar o caminho e não passar por esta região, considerada impura por ser habitada por samaritano, considerados heterodoxos. O incisivo é como um pisca pisca, nos adverte que o que está sendo narrado é importante.
- *Sicar – poço*, etimologicamente ‘*Sicar*’ significa entulhado, há um poço entulhado. Poço que acorda a memória antiga do pai Jacó, das matriarcas, dos encontros junto ao poço.
- *dá-me de beber*, Jesus é apresentado como homem cansado da viagem, senta à beira do poço, necessitado...
- *como é que tu, judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana*, o pedido provoca uma resposta que revela a impor-

tância, as dimensões do conflito: gênero, étnico, religioso, histórico. Ao mesmo tempo faz desabrochar os temas do diálogo que revelam as sedes, e as águas que cada interlocutor tem: *sede – água – poço – fonte – história – adorar – vida – espera – encontro ...*

- ... *marido ...*, o acordar da origem histórica do seu povo.
- *onde adorar*, em Dt 12,5 Javé escolhe o lugar onde ser adorado; no Êxodo Javé pode ser adorado somente em terra livre por pessoas livres ... Jesus afirma em espírito e verdade ...
- *vinde e vede*, a Samaritana se apropria das palavras de Jesus (João 1,39) deixa o cântaro, corre a cidade, sua sede foi saciada, oferece a água da sua experiência ...
- *Mestre, come*, os discípulos tinham ido à cidade procurar comida, agora voltam ... O mesmo homem que tinha sede, agora não tem fome, outra é a sua comida, seu alimento ... sua fome e sede saciadas
- *entraste onde outros trabalharam* – a Ruah presente nas pessoas, nas culturas, nos povos... é uma inclusão posterior; uma alusão crítica aos Atos do Apóstolos onde se afirma que os Samaritano entraram no Movimento de Jesus pelo ação de Filipe (At 8,5-8).
- *permanece conosco* – o povo samaritano incluído nas comunidades dos e das Discípulas amadas

COMPOSIÇÃO

A: 4-8: a sede de Jesus e da Samaritana

B: 9-15: a água de Jesus e da Samaritana

C: 16-20: os maridos a Samaritana e o Profeta

D: 21-24: hora de adorar o Pai em Espírito e Verdade

C': 25-30: a Samaritana, os Samaritanos e o Cristo

B': 31-38: o alimento de Jesus

A': 39-42: a fé dos Samaritanos

Notamos a estrutura concêntrica que tem seu centro nos vv. 21-24: a hora de adorar em Espírito e Verdade: são o coração da narração.

DESENCONTROS E ENCONTROS

Desencontros: de gênero, etnia, religião; há dois discursos paralelos sobre água: o cotidiano do trabalho e o simbólico da água; ao falar de maridos a entrada é barrada pois o assunto é pessoal o estrangeiro-homem não tem entrada, ao mesmo tempo acorda a memória antiga da história do próprio povo (2Rs 17,24-31).²

Desencontro que se torna Encontro à interrogação onde adorar; a composição da narração leva nosso olhar para este momento fundante. Jesus bebeu ao poço da Samaritana, ela bebeu da água da vida do poço de Jesus, as águas se misturam, e acontece a revelação, a partilha com seu povo: vinde ... vede ... encontrei (4,29); se apropria dos dois verbos do discipulado, vinde e vede, com os quais Jesus convidou André e João (1,39). A Samaritana, parceira de Jesus na evangelização entra na corrente das testemunhas (4,40.42).

RECONHECIMENTO

No dialogo há um progressivo reconhecimento a respeito de Jesus por parte da Samaritana:

- v 8 Judeu
- v 11 Senhor

² Em 721 a. C. A Samaria foi ocupada por Sargon II, rei dos Assírios, que deportou a população para Assíria e a substituiu com cinco povos por ele conquistados. Estes se misturaram com os remanescentes do Reino de Israel e praticaram cultos híbridos. Quando os exilados de Babilônia voltaram, os Samaritanos se ofereceram para ajudar a reconstruir o templo de Jerusalém, mas os judeus recusaram a ajuda, julgando-os heréticos. No final do IV sec. a.C., os Samaritanos erigiram um templo no monte Garizim, (hoje é Gebel el Tur, monte alto 881 m). Em 128 a.C. os judeus o destruíram fazendo assim crescer as hostilidades entre samaritanos e judeus. No tempo de Poncio Pilatos, muitos samaritanos que tinham se reunidos no Garizim, foram mortos, outros foram massacrados no 67 d.C.

- v 19 Profeta
- v 25.29 Homem - Cristo
- v 28 Eu sou
- v 42 Salvador do mundo

Reconhecemos as cores de uns fios que tecem o urdido. O encontro da Samaritana com Jesus foi um encontro diferente. Diferente no gênero: ele era homem, ela era mulher; na geografia, na cultura: ela samaritana, ele galileu; na religião: ele adorava Deus no monte de Jerusalém, ela no monte Garizim. Diferença que pareciam muros difíceis a cair, abismos tão profundos impossíveis de serem transpassados, mas, experimentaram ao poço Sicar (entulhado que foi desentulhado) as sedes e as águas das fontes que cada um, uma guardavam em si. Se abriram, silenciaram, tiraram o entulho do próprio poço (Sicar), escutaram, acolheram, misturaram, aprenderam, se tornaram parceiros. Ambos tinham sede, ambos tinham águas em seu poço, as reconheceram e as partilharam: saciaram sua sede, sua fome.

O espaço onde estabeleceram o diálogo foi o poço, em Siquém aos pés do monte Garizim. Lugar que abastecia de água o povoado. Poço, espaço das mulheres, lugar de encontro, de memória, de relações novas, lugar do amor. O poço de nosso pai Jacó, do consenso entre Rebeca e Isaac (Gn 24), onde desabrochou o amor entre Raquel e Jacó (Gn 29,1-20), poço onde na libertação sela-se a aliança entre Sefora e Moisés (Ex 2,11-22).

Samaria, poço de Sicar, Jesus o estrangeiro entra no quintal da Samaritana. Quintal cheio de ervas daninhas semeadas por desencontros históricos (Eclo 50,25-26); pelo preconceito '*não convinha passar pela Samaria*' (Lc 9,51-56). Preconceitos, atritos tão fortes e atávicos que as lideranças judaicas nas suas acusações contra Jesus teriam dito: "*Não dizíamos com razão que és samaritano e que tens um demônio?*" (Jo 8,48).

Homens e mulheres não conversam em público, os dois ou saram desconstruir paradigmas, derrubar muros de separação, souberam tirar água do poço de outra pessoa, de sua cultura, de sua religião. Jesus principia o diálogo revelando sua sede "*dá-me*

de beber”, revelando sua fragilidade, sua necessidade: precisava da Samaritana para matar sua sede. Da sede de água necessidade indispensável conduz o diálogo à outra água, outras sedes. Oferece uma água que alimenta todas as sedes humanas, água de onde jorra vida em plenitude. Diálogo trançado com fios muitos coloridos, cor de sede do corpo, sede cotidiana, sede de sentido da vida, sede do transcendente.

Brota uma pergunta: nós que sedes temos? Que outras sedes? De que águas necessitamos? Que águas temos a oferecer? Que águas ‘*os outros, as outras*’ tem a nos oferecer? Que trocas podemos estabelecer? Pensemos nisso no final de nossa conversa voltaremos aos nossos poços, e nossas águas, aos poços e águas que outros, outras guardam em si.

ACONTECEU OUTRA VEZ AO POÇO

O andar de Jesus de Jerusalém para Galileia é andar que se afasta da fama, do sucesso, andar a procura... Andar que leva ao poço.

Aconteceu outra vez ao poço que se diz de Jacó. A rotina cotidiana levava a mulher ao poço, atingir água. “*Era preciso passar pela Samaria*” (4,5). Não, não era preciso! O judeu que transitava preferia alongar o caminho, mas não passar pela Samaria. É preciso passar pois tem uma dívida a pagar.

Ir, estar, ver, conhecer, seguir, amar, testemunhar, anunciar são os verbos do discipulado. Mas nem todo ir é andar de discípulo, de discípula. A mulher ia todo dia ao poço. Um ir obrigado. Um ir cotidiano. Um ir trabalho. Era sua tarefa cotidiana: dura, escaldante, pesada, monótona. Também aquele dia foi com seu cântaro atingir água ao poço. De longe avistou um homem, um viajante. Receosa se aproximou: ignorar, estar alerta para o que der e vier. O desconhecido podia se tornar um perigo, uma ameaça?

Nesta interrogação o pedido a surpreendeu: “*dá-me de beber*” (4,7). O homem era judeu e atrevido pedia água, a água da hospitalidade a uma mulher samaritana! Hospitalidade é sagrada: ao viajante não se pode negar água, mas pode-se questionar:

“*como tu pede água a uma mulher, a uma samaritana?*” (4,9). No pedido, na interrogação inicia-se a conversa. Conversa que começa ao partir do trabalho, passa pela vida pessoal, entra na religião.

Ao falar de água a mulher tem um objetivo claro: tornar menos pesado e entediado seu trabalho, quem sabe o judeu tenha um segredo para não vir mais até a nascente e ter abundância de água perto de casa!

O encontro! Um homem, judeu, mestre, desconhecido. Uma mulher, samaritana, popular, sem nome. O encontro, um pedido, a surpresa, a porta está aberta, o diálogo instaurado. Diálogo que abre portas fechadas, que derruba muros antigos, que rompe silêncios atávicos. “*Como tu... pedes... a mim?*”. O homem lhe fala pedindo, não ordenando. Uma fala mansa, humilde, que pede. Quanto é novo este falar! Não são berros, ordens, arrogância, ira, grosseria que marcam esta fala. É voz que pede. Pedido de água.

Água a ser dada, água a ser recebida. Água que mata a sede do cansaço, da longa caminhada. Água que mata outra sede, bem mais amarga, bem mais cansada, de bem mais longa caminhada. Sede de esperanças perdidas, de sonhos frustrados, de utopias vencidas. Sede nascida no anonimato, na violência, nos abusos. Sede de reconhecimento, gratidão, prazer, companheirismo. Sede... Água vida. Água viva. Água reconhecimento. Água relação. Água superação.

Parece que a conversa sobre água ficou no ar “*dá-me desta água para que não precise mais vir aqui para tirar*” (4,15). Então: “*Vai chamar seu marido Não tenho marido ...*” (4,16-17). O judeu ousa entrar em sua vida pessoal? A Samaritana fecha a porta: no íntimo da pessoa tem acesso somente quem tem entrada franca. O homem, o judeu, o inimigo atávico do seu povo considerada raça mestiça e heterodoxa, não tem permissão de entrar, embora acorde a memória histórica do seu povo.

A referência aos maridos recorda as divindades trazidas pelos cinco povos que os assírios deportaram para a Samaria em torno de 720 a.C. (2Rs 17,24.29-31). Eram divindades impostas de fora e que faziam parte de um projeto imperialista de opressão. A

ordem era: dividir para reinar. Eram divindades que não geravam liberdade. A sexta divindade provavelmente é uma referência à imposição violenta do culto de Jerusalém sobre os samaritanos por João Hircano, rei e sumo sacerdote do templo, em torno de 128 a.C. Nessa ocasião, o seu exército destruiu o templo dos samaritanos no monte Garizim, aumentando ainda mais a inimizade entre os dois povos. Mais uma vez, o Deus de Jerusalém legitimava a violência. Não promovia liberdade. Cinco maridos no passado, vive com o sexto, terá um sétimo? Será Jesus o sétimo marido, o esposo esperado?

Então a mulher dá uma virada, Jesus se cala, quem puxa conversa agora é ela o assunto religião, ela faz teologia. Religião era justamente o motivo da inimizade: *"onde adorar no Garizim ou em Jerusalém?"* *"Nem no Garizim nem em Jerusalém, em espírito e verdade"* (4,19-21.23).

A mulher entende, sua experiência fala de corpo habitado na gestação. E, se o corpo da mulher pode ser habitado, o corpo humano pode ser habitação do Divino. De protagonista do diálogo Jesus agora cala e escuta. Na escuta reconhece que a mulher do povo, a Samaritana a partir da vida se interroga, faz teologia. *"Em espírito e verdade"* Jesus provoca, vai além, oferece água viva. A Samaritana compreende o que Nicodemos não havia entendido (João 3,1-8).

Um judeu, homem, é um profeta, é o Enviado? Palavras de encontro, palavras de diálogo, palavras de revelação. *"És quem esperamos? Sou Eu que falo contigo"* (4,25-26). À pergunta da Samaritana revela um crescendo no crer e, a comunidade registra: Ela é a primeira destinatária a quem Jesus revela seu nome: **Eu sou!**

O cântaro é esquecido. O andar torna-se correr. Não é água que oferece, oferece um anúncio, um testemunho: *"Vinde encontrei um homem! Vinde encontrei o Cristo. Ele me disse tudo o que eu sou!"* (4,39). Anônima, Samaritana, Parceira no anúncio: Anunciação. São eliminadas as barreiras sociais, de etnia, de gênero, de religião. Parceira de Jesus no anúncio do Reino onde o Divino é *"Pai e quer ser adorado em espírito e verdade"*.

Quem olha admira-se: “*fala com uma mulher!*”. “*Meu alimento é fazer a vontade do Pai... alimento que vós não conheceis*”. Quem olha é homem, é cego, a sociedade patriarcal venda seus olhos. Nem a proximidade com o Mestre conseguiu curar a cegueira.

A vontade do Pai é pagar a dívida, é resgatar quem fora escravizada, é restaurar a imagem e semelhança do Divino: mulher-homem.

Saíram do poço, prosseguiram caminhando, na parceria do Reino, rompendo barreiras, vencendo preconceitos, superando obstáculos, apontando, fascinando, conquistando amizades, engrossando as fileiras, anunciando o ano de graça... provocando...

Poço: memória matriarcal

Poço: trabalho duro

Poço: encontro desafiante

Poço: revelação surpreendente

Poço: anuncio novidade

Poço: testemunho parceria

Poço: memória da mulher Samaritana

Poço: nascente de água viva

Anunciação.

A SAMARITANA E O DESMORONAMENTO DO CULTO SACERDOTAL

A cultura e religião judaica separavam e diferenciavam a esfera do sagrado da esfera do profano, o puro do impuro, criando um sistema religioso que definia as modalidades de relação entre os dois campos através de mediações.

O templo de Jerusalém, lugar da presença da Divindade: lugar das oferendas, dos sacrifícios rituais, do estudo, das peregrinações e das orações, lugar do encontro entre o Divino e o ser humano, lugar onde morava a *Shekhinah*. Esta *Casa de Deus*, no seu interno definia fortemente os espaços que consentiam a proximidade ao sagrado de diversa intensidade: *o Santo dos Santos* separava o Divino do resto do santuário.

Um sistema que separava fortemente os gentios dos israelitas, as mulheres dos homens, o povo dos sacerdotes, a Divindade de uma humanidade necessitada de perdão e reconciliação. Sistema que exigia sacrifícios, intermediários.

O encontro de Jesus com a Samaritana provoca uma reflexão profunda sobre esta realidade. A Samaritana como *mulher* não podia ser aproximada em público por um rabi; era *impura* pois era de uma etnia que se misturou; *era herética cismática* pois haviam construído um templo sobre o monte Garizim; como mulher não podia se aproximar do sagrado, da Divindade, seu corpo a tornava impura periodicamente, precisava de intermediário que a purificasse.

O diálogo a levava a reconhecer Jesus como *judeu, maior que o nosso pai Jacó, Senhor que faz prodígios, profeta, Messias escatológico, enviado do Pai, Salvador do mundo*. Reconhecimento que é um processo no crer por beber da água viva que lhes é oferecida.

O trançado aponta o coração do encontro *adorar ao Pai em espírito e verdade* (4,19-24). Em continuidade com os profetas Jesus indica a superioridade do culto espiritual sobre o ritual. A Ruah conduz à verdade, à participação da vida no Divino. O verdadeiro culto vem do Divino não do ser humano necessitado de purificação, por isso não precisa de mediação, nem do templo, nem do culto, nem do sacrifício, nem do sacerdote: o Divino é presente na Vida, a Criação é casa onde o Divino habita, a Humanidade vive nesta casa.

Não é mais o templo centro da vida religiosa, mas o universo a casa onde o Divino habita. A mulher então readquire sua dignidade, o Divino é dom, não precisa de intermediário, há uma relação direta entre a Samaritana e o Divino, a Vida é *templo da Ruah*.

Não há mais a necessidade de um homem, de um sacerdote que tem pureza legal, que oferece sacrifícios para obter o perdão. O Divino que é dom se oferece para que as pessoas santificadas e libertadas pelo seu amor comuniquem vida. Os não judeus e judeus, as mulheres e os homens, os pobres e os que têm, os pe-

cadores e os justos podem adorar o Divino em qualquer lugar, na vida, ninguém está excluído do seu amor.

A narração conclui-se com a Samaritana, entre o estupor dos discípulos que não compreendem porque Jesus fala com uma mulher e por cima herética, que corre à sua cidade anunciar: vinde e vede, encontrei ... e os Samaritanos acreditaram na palavra da mulher, acreditaram Nele: fica conosco!

PRESTAR CULTO EM ESPÍRITO E EM VERDADE

Silencia Jesus, a Samaritana retoma a conversa, escolhe e, o assunto é religião, a conversa se torna diálogo teológico. Conversa ia, conversa vinha e ambos, a Samaritana e Jesus, se abriram, ofereceram e acolheram. Foi um diálogo em pé de igualdade. Os dois transformaram e foram transformados. Porque a Boa Nova habita no coração de cada pessoa. A Samaritana reconheceu Jesus como um profeta e como o Cristo esperado. Ela é a primeira destinatária desta revelação: Eu sou. Um dom, uma revelação, a Boa Nova não é propriedade particular. O passo se torna leve, esquece o cântaro, corre a partilhar o Novo com o seu povo. Tornou-se evangelizadora, missionária: anunciou quem lhe oferecera água da fonte da vida.

Jesus também mudou. Antes, achava que a salvação vinha dos judeus. No entanto, a Samaritana abriu seus olhos. E, Jesus condensa numa frase, em linguagem profética proclama: o verdadeiro culto à Divindade é em Espírito e Verdade. Não há necessidade de templo, nem de intermediário, o coração da verdadeira religião é a Vida. O apóstolo Paulo diria que a Divindade é Espírito e onde está o Espírito aí está a Divindade, a liberdade (2Cor 3,17). A comunidade dos Discípulos e das Discípulas amadas afirmam, a verdade liberta (Jo 8,32). Prestar culto à Divindade em Espírito e Verdade, encontrar a Divindade na vida liberta das estruturas que aprisionam e libertando torna libertadores, libertadoras. Adorar a Divindade em Espírito e Verdade e superar toda e qualquer estrutura, intermediário que bloqueiam

a liberdade do encontro, impedem que a justiça e o amor corram como torrentes de água viva. É voltar a ligar-se à fonte da vida, fonte de vida em plenitude, fonte divina.

O poço que de uma certa forma retinha a água, se apropriava e controlava a água, simbolicamente representava a religião que através de suas estruturas, dogmas, ritos, intermediários, sacrifícios se apropriava e controlava o Divino. A Água viva que Jesus oferece é nascente presente na vida, presente no íntimo de cada pessoa, Jesus convida a Samaritana a reconhecer Nele, Nela a nascente de água viva: o Humano, em espírito, verdade, encontra em si mesma liberdade, encontra na Vida o Divino!

EM ESPÍRITO E VERDADE, O COPO NUNCA ENCHE

“Você se comporta como se fosse um copo cheio!” Essa frase é dita no filme *Avatar* por uma mulher do povo ancestral ao representante do povo da terra que quer expulsá-lo para explorar os minérios de sua floresta sagrada.

Não seria o tema de CEMLA 2023 “O carisma missionário ad gentes é ainda relevante?”, um ‘copo cheio’? Nos faz lembrar da mulher, e de sua frase. O filme retrata os conflitos no encontro de dois povos diferentes em quase tudo. É muito bom para refletirmos sobre como nos comportamos diante dos diferentes. Nosso mundo globalizado cada vez mais traz para perto informações, realidades e mesmo pessoas de outras culturas e de outras religiões. Somos chamadas e chamados a perceber o outro, a outra. Ao mesmo tempo vivemos numa sociedade que estimula a manifestação do ser individual, especialmente através do consumo e dos modismos. Ao afrouxar ou abolir os controles comunitários e familiares, abre espaço para a manifestação de diferentes maneiras de ser e de estar no mundo. Somos confrontados e confrontadas por nossas realidades, não somente atravessadas pelas desigualdades sociais, cada vez mais marcadas pelas diversidades culturais, religiosas, afetivo-sexuais e muitas outras. Por incrível que pareça, nossa sede mais latente e corriqueira pode ser fruto

da ausência de reconhecimento e de diálogo com quem está mais próximo de nós: grupos cristãos variados, irmãos e irmãs de diferentes igrejas, troncos e galhos da mesma raiz, que vivem sua fé e sua espiritualidade de forma distinta. Nossos preconceitos nos impedem não só de fazer análises mais aprofundadas, como também perceber aspectos positivos nos diferentes grupos, nas culturas, nas religiões, nos povos.

Talvez sem querer, querendo, somos um poço de nome Sicar. Talvez precisamos sentar junto a um poço, pedir água, desentulhar nosso poço, para aprender a escutar, reconhecer, acolher, conviver. Talvez precisamos derrubar o poço, para que a água corra livre, não mais prisioneira das estruturas, de uma experiência de evangelização colonial. Talvez ...

*Encontro marcado na Samaria
 Uma dívida a pagar
 Poço entulhado, Sicar
 Sentou ao poço, um homem
 Veio ao poço, uma mulher
 Pedé água, tem sede
 Homem judeu
 Samaritana eu sou
 Água da vida
 Água trabalho
 Água ... Marido
 Adorar no templo
 Adorar na Vida
 A memória acorda
 A identidade desperta
 A cântaro esquecido
 O passo ligeiro
 Homem, Profeta, Cristo, Eu sou
 Disse quem eu sou
 Vinde, vede
 O poço derrubado
 Voltou a ser nascente
 Nele, Nela em Nós*

Na nascente a harmonia revive

Na nascente mulher-homem

Na nascente cara a cara

Na igualdade

Na reciprocidade

Na alteridade

Na relação

Mulher e homem poema Divino

Presença que abençoa

Abençoa a Luz

Abençoa a Vida

PARA REFLETIR

- “As samaritanas”, as águas, os poços alheios com os quais nos deparamos no nosso andar missionário. As reconhecemos?
- Esses encontros nos fazem tomar consciência de nossas próprias águas, nossos próprios poços? Nossas sedes? Como nos fazem refletir sobre nossas próprias raízes?
- Esses encontros nos ajudem a desentulhar nosso poço, purificar nossas águas e assim sirvam para que encontremos as “águas vivas”, as sagradas águas da vida, presentes nas nossas nascentes e nas nascentes alheias?